

# AS SETE PALAVRAS DE CRISTO NA CRUZ

---

## INTRODUÇÃO

Queridos Irmãos e Irmãs, que, na fraternidade de Jesus, sois verdadeiramente como vos chamei: *Irmãs e Irmãos* queridos.

Estamos congregados na Basílica dos Congregados. Mas ultrapassemos as barreiras da geografia física, para irmos em peregrinação até ao Calvário, à colina do lado de fora dos muros da cidade santa de Jerusalém.

Bem visíveis ao longe estão 3 cruzes com 3 crucificados: 2 malfeitores profissionais, para os quais a justiça humana não teve solução alguma senão acabar com eles, dando uma altissonante lição sangrenta: quem seguir o seu caminho acaba por chegar ao beco sem saída de uma morte cruel.

No meio dos dois ladrões crucificados, qual moldura de sangue, está o quadro real de Jesus crucificado, como sendo o pior dos três. Só este está identificado com uma lápide que indica o motivo da condenação: «Jesus de Nazaré Rei dos Judeus». Um processo injusto de justiça desumana levou a que o Salvador do mundo fosse o substituto de Barrabás. Este terrível criminoso foi libertado pela amnistia Pascal, dando lugar à condenação à morte do Salvador do mundo. Como sabemos, Pilatos resolveu seguir os clamores da opinião pública prevalente e lavou as mãos diante da multidão, que reclamava a morte de Jesus. Nunca, na história humana, depois de alguém se lavar, a água ficou tão suja e mais sujas ainda ficaram as mãos e o coração de quem as pretendeu lavar na água de um crime de lesa-divindade.

Neste quadro, tão trágico quanto magnífico da bondade de Deus que dá a vida por nós, oiçamos as últimas palavras de Jesus, as palavras de um homem que é Deus; tão humano quanto divino, tão divino quanto humano.

Nas últimas palavras de Jesus, ensaiemos as nossas palavras, que devemos considerar sempre como sendo as últimas. Que sejam palavras embebidas em amor cordial e generoso. Que as palavras, que dizemos no nosso falar quotidiano, possam ficar gravadas como as nossas últimas palavras.

*Amabilíssimo Jesus, tu és o Verbo de Deus, a Palavra que Deus nos diz. Queremos ser teus bons alunos, abrindo os ouvidos do nosso coração. A tua cátedra de mestre é em forma de cruz, sustendo-te de pé e daí nos ensinas com a autoridade de quem nos ama até ao fim. As tuas últimas palavras são o testamento que nos deixas como teus herdeiros, diretos e diletos. Vamos ouvi-las com a devoção de quem se sente desmedidamente amado. Esta é a nossa oração, unidos a Maria tua e nossa Mãe, na unidade do Espírito Santo. Amen.*

## **Primeira palavra: PERDÃO**

*«Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: «Perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 33-34).*

Os carrascos de Jesus, que certamente já teriam crucificado muitos malfeitores, entre gritos de raiva desesperada dos condenados, terão ficado atónitos ao ouvir Jesus a proferir palavras de originalidade divina naquele contexto de extrema desumanidade: «Perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem». Só para proferir estas palavras de amor extremo já tinha valido que Deus viesse ao mundo!

Não é verdade que, na gramática das relações humanas, perdoar é o verbo mais difícil de conjugar? E perdoar aos próprios assassinos mais heroicamente difícil se torna. Mas este é o estilo do agir de Deus. Como nos lembra o Vigário de Cristo, o Papa Francisco: «Deus perdoa tudo e Deus perdoa sempre». Desde sempre, agora e para o futuro, o nosso Deus é incorrigivelmente perdoador. E o perdão não é um presente que se oferece por alguém o merecer, mas porque precisa dele.

Perdoar é uma arte maravilhosa que consegue transformar uma fatura de ofensa num cheque de concórdia; que metamorfoseia uma bofetada num beijo; que transfigura uma ofensa num elogio; que é capaz de transformar um ferido num médico e enfermeiro curador. São prodígios que só o amor que perdoa consegue alcançar. Prodígios que todos podemos e devemos realizar.

Tendo os sacerdotes uma particular missão de sermos artífices do perdão de Deus, no sacramento da reconciliação, todos, sem exceção, somos chamados a exercitar esta tão divina quanto humana arte do perdão. Rezamos no *Pai Nosso*: «Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido». Quer dizer que se não é nosso propósito perdoarmos aos nossos próximos, excluimo-nos do perdão que Deus nos quer oferecer.

Permitam-me concluir com a história lendária de um crucifixo original numa igreja de Toledo, que tem um Cristo com um braço despregado. Há várias interpretações e esta é a que vem a propósito. Um senhor, pecador como todos nós, foi-se confessar. O confessor achou que seus pecados eram muito graves e negou-lhe a absolvição,

prometendo-lha dar depois de cumprir uma rigorosa penitência de jejuns e peregrinações. Saiu o pecador triste e desanimado, mas ainda com a esperança de poder vir a ser perdoado. Passados uns tempos, veio de novo confessar-se:

– Então, cumpriu à risca a penitência que lhe dei?

– Senhor padre, não consegui jejuar tanto como me pediu, pois a fome era muita; quanto às peregrinações, só fui ao santuário mais próximo.

– Pois, vá-se embora, que eu não lhe dou a absolvição, só depois do cumprimento rigoroso da penitência que lhe impus.

Em lágrimas, saiu do confessionário este pecador que não encontrava perdão. Parece que tinha deparado com o irmão do pródigo e não com seu pai. Mas, ao passar por um grande crucifixo, que ficava ali mesmo ao lado do confessionário, com espanto, ouviu Cristo, cravado na cruz, que assim lhe falou:

– Irmão querido, eu te perdoo.

E, arrancando o braço direito, que estava cravado na cruz, deu-lhe a absolvição, exclamando com viva voz, dirigindo-se ao padre confessor:

– Vê-se mesmo que não morreste por ele!

Apenas faço o seguinte comentário/exortação: imitemos este Cristo, que morre de amor por nós, arrancando do nosso comodismo egoísta os braços e o coração para perdoarmos a todos os que nos ofenderem.

*Querido Jesus, ensina-nos a perdoar como Tu fazes sempre connosco. Perdoaste mesmo aos que Te crucificavam, porque o amor que nos tens é maior que todos os pecados do mundo. As tuas vinganças chamam-se misericórdia. Ensina-nos a pagar o mal com o bem e assim o mundo das nossas famílias, grupos e comunidades será um mundo melhor, mais justo e fraterno. Isto de pedimos com confiança, por intercessão de Maria e na unidade do Espírito Santo. Amen.*

## **Segunda palavra – PARAÍSO**

*«Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: “Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.” Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: “Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas acções mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.” E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.” Ele respondeu-lhe: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso”» (Lc 23, 39-43).*

É a cena mais dramática de toda a história da humanidade. Deus crucificado entre dois salteadores, ladrões de tanta monta que para eles a prisão seria pouca pena. A justiça humana só via que a morte e por crucifixão era pena suficiente. O Salvador do mundo ali está esvaziando-se em sangue, nesta trágica companhia, neste dramático quadro.

A onnipotência divina como que desaparece, ficando reduzida à omni-impotência de um vulgar condenado à morte de cruz. Até um companheiro de condenação zomba dele. Como nos diz o Evangelho de Lucas: «Um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: “Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também”». É uma desesperada profissão de fé de um revoltado, amargurado perante o melhor companheiro do mundo, na companhia de Jesus salvador.

O esplendor máximo da onnipotência de Deus brilha na cruz de Cristo. É este o poder com que Deus nos conquista, como recorda o nosso Papa Francisco: «A única força capaz de conquistar o coração dos homens é a ternura de Deus. A debilidade onnipotente do amor divino».

Sofrendo horrores, Cristo não se fecha no seu sofrimento. Cristo sai ao encontro de quem precisava dele. Como afirma S. Francisco de Sales, «as portas do Castelo da felicidade abrem para fora». Ou seja, conseguimos ser felizes na medida em que nos preocupamos e nos ocupamos em facilitar e procurar a felicidade dos nossos próximos. Assim, Cristo não apenas foi modelo de aceitar tão pesada cruz como abriu uma janela radiosa de esperança na noite escura da crucifixão, prometendo o paraíso ao ladrão arrependido. Não é verdade, irmãs e

irmãos, que a nossa cruz se torna mais leve, quando temos a coragem de ser cireneus, ajudando a levar a cruz de quem vai ao nosso lado?

Perante uma cruz (e há cruces bem pesadas que não conseguimos evitar, desde uma incompreensão a uma calúnia, desde um problema de saúde a um desaire económico), temos sempre a alternativa de livre escolha entre a revolta amargurada do mau ladrão, e a aceitação resignada do bom ladrão, que acaba por roubar o céu: «Hoje estarás comigo no paraíso». *Roubou*, aceitando o que Cristo lhe ofereceu gratuitamente.

Quem é Jesus Cristo? Jesus Cristo é aquele que, mesmo que a nossa vida fosse uma coleção de crimes, está disposto a oferecer-nos o paraíso, se humildemente aceitarmos o seu perdão. A cada um de nós Cristo hoje nos diz: *a seu tempo, entrarás na minha eternidade, «Estarás comigo no paraíso»!*

*Senhor, a tua loucura de amor onnipotente aceita fazer-se um condenado à morte, em total omni-impotência. Olhando para Ti, crucificado, que vemos muito mais que sangue, suor e lágrimas, cravos, carne rasgada e espinhos; que nós descobrimos em tudo isso uma dedicatória de amor por mim, por ti, por todos nós. Obrigado Jesus por valorizares mais o arrependimento que o nosso historial de pecado. Mil vezes bem haja por eu não ser para ti um pecador, mas um querido aspirante à conversão, à santidade. Amen.*

### Terceira palavra - MÃE

---

*«Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: “Mulher, eis o teu filho!” Depois, disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua» (Jo 19,26-27).*

Pregado na cruz, Cristo está despojado de tudo: despojado daqueles que o aplaudiram poucos dias antes, aclamado por entre ramos e gritos de hossana; despojado dos apóstolos que fugiram quando Cristo foi preso (presente apenas o apóstolo João); despojado de honra e de vestuário e até despojado do seu sangue que continuava a jorrar por entre incontáveis feridas. Esta cena é o inverso da transfiguração. Cristo exposto na cruz, usando palavras do profeta Isaías, é como um «verme», sem aspeto de homem e muito menos de Deus.

Neste contexto, cruelmente trágico, Cristo viu que, não tendo nada, tinha o imenso tesouro de sua Mãe Maria, que ali estava firme de pé junto à sua cruz. Jesus, seu filho primogénito, estava às portas da morte e assim nos deixou em herança Maria por Mãe: «Eis a tua Mãe!», disse ontem a João e hoje repete a cada uma, a cada um de nós: «Eis a tua Mãe!» – *Não quero que vivas em orfandade, mas na ótima companhia de Maria!* E responsabilizou Maria pela sua nova e original maternidade: «Mulher, eis o teu filho!». *Maria, morre Jesus o teu Filho primogénito, mas passam a ser teus filhos e filhas os que forem batizados em meu nome!*

Desculpem que vos pergunte: *Quem é que de nós concederia que a própria mãe fosse dada a outros, incluindo com o direito à sua herança? Daríamos talvez a meia dúzia de amigos mais íntimos... mas não a malfeitores, a pecadores de todo o estilo... Até onde chega a generosidade e a coragem de Deus?! Com que adjetivos poderei qualificar este excesso amoroso de Deus?! Todo o tempo presente vai ser pouco para agradecer tão grande dom de termos por Mãe a própria Mãe de Deus! Felizmente que vamos ter uma eternidade para o fazer...*

O cristianismo é a religião da nossa filiação divina, em que todos temos acesso à paternidade de Deus e à maternidade da Mãe de Deus. A religião cristã é a religião da anti-orfandade. Assim nos lembra o Papa Francisco: «Um cristão que não sente a Virgem Maria como sua Mãe é um órfão». Felizmente não é o nosso caso. Parabéns, meus irmãos e

irmãs, pela maravilhosa Mãe que tendes, que todos temos, por divina graça!

*Jesus querido que, já nos horrores de uma agonia cruel, pensaste no nosso maior bem e no de tua Mãe, ensina-nos a arte de nos libertarmos do campo de concentração de nós mesmos e de todas as fixações egoístas, para pensarmos e agirmos em favor dos que precisam de nós. Que tua e nossa Mãe Maria nos inspire fortaleza para estarmos presentes junto aos irmãos e irmãs que estão crucificados em problemas, doenças, desavenças e agruras de todo o género. Que sejamos, inspirados no lema episcopal de S. João Paulo II, «Todos teus, ó Maria», para assim sermos mais cristãos. Amen.*

## **Quarta palavra – ABANDONO**

*«Cerca das três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: Eli, Eli, lemá sabactháni?, isto é: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mt 27,46 e Mc 15,34).*

Cristo, verdadeiro Deus, mas não menos verdadeiro homem, gritou de dor. A sua real divindade não anestesiou a sua autêntica humanidade. Estar cravado a uma cruz doía mesmo, a ponto de gritar de dor. Mas havia uma dor ainda maior que a dor física. Cristo sentia-se despojado da sua divindade, humilhado até ao mais ínfimo degrau da dignidade humana, e assim rezou com as palavras do salmo 22, confiando-se à proteção de Deus seu Pai, que aparentemente o tinha abandonado: «Meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?».

Quem de nós não se sentiu alguma vez abandonado de Deus e da sua amorosa providência? Quem não se recorda de alguma situação em que tudo parecia correr às avessas do bem e nem Deus dava sinal de ter compaixão de nós? Mas a verdade é que Deus nunca mete férias da sua carinhosa solicitude por nós, nem alguma vez poderá desistir de nos amar, muito simplesmente porque não pode deixar de ser Deus. Faz parte estrutural do ser divino ser «Deus conosco», sempre e em qualquer circunstância. Só os ídolos são centripetamente autossuficientes, bastando-lhes comunicar com o espelho da sua pseudo grandeza.

Será a noite a morte do sol? Claro que não, mas é simplesmente a sua ocultação. Será o sofrimento que nos toca viver a distração ou o esquecimento do amor que Deus nos tem? De modo algum. É apenas a nossa noite da visão da sua real presença.

A palavra de que agora falamos, com Jesus abandonado na cruz, chama-se «silêncio». Mas é um silêncio de qualidade, que não é mudez nem ausência de comunicação, mas comunicação mais profunda que a das palavras; como a cor branca que não é falta de cor, mas a condensação enriquecida de todas as cores.

Jesus, experimentando-se abandonado na cruz, faz a experiência do acompanhamento e solidariedade com que nos acompanha hoje. A encarnação de Cristo, com duas cátedras soleníssimas das quais nos

ensina, a manjedoura do nascimento e a cruz da morte no calvário, é preciosa mais valia da história eterna de Deus.

E concludo com uma simples história: numa manhã de invernia, um senhor saía de manhã cedo de sua casa, bem protegido e agasalhado, quando deparou com uma criança esfarrapada de frio e de fome. Homem de fé, dirigiu-se a Deus: *Senhor, então tu não fizeste nada por esta pobre criança a tiritar de frio e esfomeada?* E ouviu uma voz interior que lhe segredava: *Eu fiz-te a ti!* Há tantos males no mundo e Deus não fez nada? Não é verdade. Deus fez muito, fez imenso. Deus fez-te a ti, fez-me a mim, fez-nos a todos nós.

*Senhor Jesus, abandonado na cruz, queremos reafirmar o nosso propósito de ser companhia de todos os Jesus que passam na nossa vida e necessitam do amparo da nossa presença e amizade. Sabemos, mas por vezes nos esquecemos, que mesmo no silêncio tu nos falas e, na aparente distância, tu nos acompanhas sempre. Queremos estar, como João e Maria, sempre a teu lado, e assim estaremos junto dos que precisam de nós. Amen.*

## **Quinta palavra – SEDE**

*«Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: “Tenho sede!” Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-lha à boca» (Jo 19,28-29).*

Todos sabemos o que é ter sede, mas certamente em pequena escala. Não a sede de quem teve atravessar um deserto sem água; a sede de ficar perdido no mar num pequeno barco sem mantimentos, cercado de água salgada que provoca ainda mais sede; não a sede de quem experimenta perder abundante sangue cravado numa cruz, em total desidratação.

E damos graças a Deus por sermos dos privilegiados a quem não falta de comer e de beber. Damos também graças a Deus por Deus ter experimentado em Jesus toda a espécie de limitações humanas, incluindo a da sede. Como recorda o autor da Carta aos Hebreus: «De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, excepto no pecado. Aproximemo-nos, então, com grande confiança, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna (*Heb* 4, 15-16).

É um privilégio, somos uns felizardos, por seguirmos um Deus que está enriquecido com a experiência de ter vivido a nossa vida, assumindo por inteiro a nossa humanidade, desde a alegria ao sofrimento, o convívio familiar e amistoso e as oposições e rejeições. Haverá alguém mais humano do que Deus? Costumamos falar de Deus qualificando-o com superlativos «altíssimo, santíssimo e diviníssimo». Mas não será sempre oportuno e justo acrescentar outros superlativos não menos dignos: «proximíssimo, solicitíssimo, humaníssimo»?

Seria necessário que, para salvar a humanidade, Cristo tivesse de nascer num estábulo de animais, viver a vida comum de um simples trabalhador em Nazaré, durante largos anos, e finalmente morrer como um criminoso numa cruz? A salvação da humanidade não se poderia fazer

por menos? Não bastaria uma gota do seu preciosíssimo sangue? São Paulo recorda-nos que «fomos comprados por um alto preço» (1Cor 6, 20). Tão caros e queridos somos para Deus! O que Deus está disponível para fazer a fim de nos salvar? Que maravilha termos um Deus assim, que a nada se poupa!

A sede fundamental de Jesus era a sede da nossa salvação. Cristo morria de sede de amor por nós. Nesta linha, Santo Agostinho, afirma: «A oração é o encontro da sede de Deus com a sede do homem». Rezando, facilitamos que Deus mate a sede de amor por nós; e nós matamos a sede que temos de Deus.

Santa Teresa do Menino Jesus assim interpreta o «Tenho sede» de Jesus: «era o amor das pobres criaturas que o Criador do universo reclamava. Tinha sede de amor». Jesus continua a ter sede do nosso amor.

*Senhor Jesus, a tua grande sede é a da nossa felicidade e salvação. Ajuda-nos a ter sede da «água viva» que tu ofereceste à Samaritana, que andava perdida em busca de águas que só causavam mais sede. Bebendo na tua fonte, não teremos mais sede e seremos «pessoas cântaro» como o teu especial representante a terra o Papa Francisco nos pede, a fim de assim oferecermos água viva a todos os que têm sede. Esta é a nossa oração que Te dirigimos por intercessão de Maria e na unidade do Espírito Santo. Amen.*

## Sexta palavra – *CONSUMAÇÃO*

«Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado.» E, inclinando a cabeça, entregou o espírito» (Jo 19,30).

A vida de Jesus chegou ao cume da perfeição. Como afirmou, poucas horas antes, no discurso da última ceia, «ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos amigos». Cristo deu tudo, deu-se todo e até ao fim. Deu a vida toda e em abundância humano-divina.

Não é verdade que quem tem uma identidade mais rica é precisamente aquele que mais se dá? A plenitude da nossa realização pessoal alcança-se na doação total de nós mesmos a quem precisa de nós. Como ninguém, Cristo viveu este lema de Santo Agostinho: «Eu sou eu, mas não sou meu». Quem sou eu? Eu sou (devo ser) a dádiva de mim. Esta a regra de vida de Deus: existir para se dar. Quem não se dá implode de egoísmo, desmorona-se em pedaços de egolatria. Tem por profissão estorvar, desajudar, impedir.

No monte Calvário não encontramos um César imperial fazendo o V de vitória, tendo aos pés tesouros que conquistou e escravos vencidos. Encontramos um Deus que, por amor extremo, se deixou derrotar, perdendo a vida para nos dar a vida para sempre.

No Castelo de Xavier, em Navarra, na capela da família de S. Francisco Xavier, conserva-se um grande crucifixo em que Cristo, pregado na cruz, sorri com simplicidade amorosa. É a justa expressão do «Tudo está consumado». Sofrendo horrores, mas maravilhosamente feliz pela nossa salvação. Era tudo o que desejava. Missão cumprida: «Tudo está consumado». Frente a este Cristo, muitas vezes rezou S. Francisco Xavier. Dele terá aprendido a lição de que tudo vale a pena para poder ser salvador de almas: «Mais, Senhor, mais» (expressão do *divino impaciente*, em generosidade sem fronteiras).

Não será excessivo, e até ofensivo, apresentar Cristo a sorrir na cruz onde está crucificado, sangrando, com o corpo numa chaga viva? É que, amando, se pode ser feliz no meio do sofrimento, assim como se pode ser infeliz no meio de facilidades e prazeres. Por isso, São Paulo exclama: «Mais ainda, gloriamo-nos também das tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência a firmeza, e a firmeza a

esperança» (Rom 5, 3-4). «Estou cheio de consolação e transbordo de alegria no meio de todas as nossas tribulações» (2 Cor 7, 4).

Não é verdade que as pessoas mais felizes que conhecemos não são as que têm uma vida cómoda e fácil, mas sim aquelas que conseguiram uma boa relação com as limitações e sofrimentos? Por isso um antigo presidente americano assim rezava: «Senhor, não te peço uma cruz leve, mas um ombros fortes». E o Santo Cura d’Ars notava: «O sofrimento é o tesouro que mais se esbanja».

*Ensina-nos, Senhor, a arte de sofrer por amor. Não te pedimos que nos livres de toda a experiência de dor, mas sim que saibamos ter uma boa relação com o sofrimento, como meio de purificação pessoal e de redenção do mundo. Que cada um de nós saiba sorrir por amor, mesmo quando se encontre como que pregado à cruz de problemas e complicações. Também nós queremos dizer com fé, generosa e simples, como os Pastorinhos de Fátima, que em breve serão canonizados: «Nossa Senhora disse que íamos ter muito que sofrer! Não me importo; sofro tudo quanto Ela quiser!... Gosto tanto de Deus!... Coitadinho de Nosso Senhor! Eu não hei de fazer nunca nenhum pecado. Não quero que Nosso Senhor sofra mais». Confiantes o pedimos, por intercessão de Nossa Senhora, na unidade amorosa do Espírito Santo. Amen.*

## **Sétima palavra – PAI**

*«Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Dito isto, expirou» (Lc 23, 44-46).*

Não foi apenas Jesus que esteve pregado na cruz. Com a segunda pessoa da Santíssima Trindade, Deus encarnado, em solidariedade total, esteve Deus Pai e o Espírito Santo. Jesus não veio ao mundo nem viveu entre nós, com planos meramente pessoais, em autogestão apostólica. Jesus foi na terra o missionário do Pai, tal como hoje o mesmo Jesus, agora não encarnado mas eucarístico, ali está no sacrário enviado pelo Pai, em missão de salvação de cada um de nós.

Cristo mesmo declarou que tinha uma ementa especial, da qual se alimentava: «O meu alimento é fazer a vontade do Pai que me enviou e consumir a sua obra» (Jo 4, 34). Cristo nunca quis ser uma estrela, chamando a atenção sobre si mesmo, mas atribuindo o bem que fazia ao seu e nosso Pai: «As obras que eu realizo são as obras de meu Pai»; «Eu e o Pai somos um»; «Quem me vê, vê o Pai»... Na última ceia, pediu para nós a unidade dele com seu Pai: «Que todos sejam um com tu, ó Pai, és em mim e eu em ti».

«“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Dito isto expirou». O Senhor da vida não morreu. Ofereceu a vida. Como Jesus disse quando proferiu a parábola do bom pastor: «É por isto que meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois. Ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente. Tenho poder de a oferecer e poder de a retomar. Tal é o encargo que recebi de meu Pai» (Jo 10, 17-18).

Cristo, oferecendo a vida, exalou o último suspiro. Podemos perguntar e responder como o poeta da *Mensagem*: «Valeu a pena? Tudo vale a pena quando a alma não é pequena» (Fernando Pessoa). E a alma de Cristo é desmedida e ilimitadamente grande.

Neste momento soleníssimo da morte de Jesus, condição necessária para poder ressuscitar, será também justa ocasião de antever e preparar a nossa morte. Não como um drama trágico, mas como o último ato de dar a vida. Como para Jesus, a nossa morte é condição prévia da nossa ressurreição para a vida eterna em Deus. Assim a devemos encarar

positivamente como nos pede São Paulo: «Não desfalecemos, e mesmo se, em nós, o homem exterior vai caminhando para a ruína, o homem interior renova-se, dia após dia. Com efeito, a nossa momentânea e leve tribulação proporciona-nos um peso eterno de glória, além de toda e qualquer medida» (2 Cor 4, 16-17).

Mas há uma última palavra que Cristo nos continua a dizer, sempre que olhamos para um crucifixo. *«Morro de amor por ti... Não posso passar sem ti... Tu fazes parte de mim... Mesmo que existisses apenas tu sobre a face da terra, eu daria à mesma a minha vida numa cruz para te salvar».*

*Senhor Jesus, cuja última palavra foi dizer «Pai», sem raiva nem revolta, mas aceitando a cruz para a salvação de todos, ajuda-nos a aceitar o peso da nossa cruz, de tudo o que é prova e nos dói. As tuas últimas palavra sejam para nós modelo do que devemos comunicar, mesmo que estejamos pregados à cruz de qualquer problema ou dificuldade. Amando, como tu, Jesus, a nossa cruz será escada para subir à glória do céu, onde faremos festa jubilosa com todos os anjos e santos, com Maria Mãe, em Deus Pai, por ti Jesus crucificado e ressuscitado, na unidade concorde do Espírito Santo. Amen.*

*Braga, Basílica dos Congregados, 9 de abril de 2017*

*Manuel Morujão sj*